

MARCADORES DE IDENTIDADES COLETIVAS NO CONTEXTO FUNERÁRIO PRÉ-HISTÓRICO NO NORDESTE DO BRASIL¹

Gabriela Martin²

Viviane Cavalcanti de Castro³

RESUMO

A noção de identidade tem sido objeto de investigação de várias disciplinas das ciências humanas e sociais, porém na Arqueologia são mais escassas as pesquisas sobre essa questão. Neste trabalho, buscamos identificar traços ou marcadores de identidades coletivas nas estruturas funerárias dos sítios pré-históricos, localizados na região Nordeste: Furna do Estrago (PE), Pedra do Alexandre (RN), Toca da Baixa dos Caboclos (PI), Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI), Justino (SE) e São José II (AL). As estruturas funerárias pré-históricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas. Estes, portanto, estariam representados, ainda que parcialmente, no conjunto dos elementos que compõem a estrutura funerária. Como resultados, foram evidenciados marcadores de identidades relacionados à cultura material, a posição do corpo e a idade dos indivíduos.

113

PALAVRAS-CHAVE: Identidades, Estruturas Funerárias Pré-Históricas, Região Nordeste

ABSTRACT

The notion of identity has been the subject of investigation of several areas within humanities and social sciences; however, research on this matter is scarce in archaeology. In this research, I aim at identifying traits or markers of represented collective identities in funerary structures of prehistoric sites localised in the Northeast region of Brazil: Furna do Estrago (state of Pernambuco), Pedra do Alexandre (state of Rio Grande do Norte), Toca da Baixa dos Caboclos (state of Piauí), Toca do Serrote do Tenente Luiz (state of Piauí), Justino (state of Sergipe) and São José II (state of Alagoas). Prehistoric funerary structures concentrate in their interior biological matter and elements of the material culture that are regarded as markers of collective identities. These, as a result, would be represented, albeit partially, in the entire set of elements that comprises the funerary structure. As a result, identity markers related to the material culture, body position and age of individuals were recognised.

KEYWORDS: Identities, Prehistoric Funerary Structures, Northeast Brazil

¹ Tese de Doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, orientada pela Profa. Dra. Gabriela Martin em 2005.

² Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE.

³ Departamento de Arqueologia e Preservação Patrimonial, UFPE.

A morte é uma consequência natural da vida e atinge todos os seres vivos. Para o homem, a morte não é apenas um fato biológico, visto que a maneira de enfrentá-la revela um atributo cultural que se expressa de diferentes maneiras, variando conforme o contexto cultural em que se manifesta. As ações realizadas em torno da morte de um indivíduo e o destino que se dá ao corpo estão relacionadas às escolhas culturais de cada grupo, e, através de pesquisa arqueológica, podemos recuperar parte desse processo cultural. Evidências arqueológicas podem indicar preocupação, cuidado, ações deliberadamente pensadas em torno da morte. Isso está representado, entre outras maneiras, pela presença e variedade de objetos, pela arrumação do corpo de adultos e crianças, pela quantidade de indivíduos numa mesma cova e pela escolha do local do enterramento.

Todas as sociedades adotam algum rito para dar um destino aos seus mortos. Os rituais são vistos como ações duradouras e repetitivas, menos suscetíveis a mudanças. É uma das maneiras de reforçar a cultura e os valores sociais, conforme nos ratifica Martin (2005: 307), o “[...] homem é também tradicionalmente conservador no culto aos seus mortos e a mudança das culturas reflete-se mais lentamente nos rituais e nos costumes funerários do que na evolução da vida cotidiana”. Assim, a escolha do tratamento dispensado aos mortos, os procedimentos técnicos utilizados e os ritos são determinados pelo sistema social e pela cultura e, dentro destes, pelo modo como são concebidas a vida e a morte.

A presença da cultura material nos contextos funerários pode ser analisada por outro ponto de vista: das identidades coletivas. Na cultura material, encontram-se intrínsecos elementos de identidades, apesar da dificuldade de reconhecimento da relação entre a identidade e a materialidade presentes no contexto arqueológico. Podemos destacar também o fato de que o longo período de tempo com que trabalham os arqueólogos oferece uma perspectiva cronológica para os estudos das identidades coletivas em uma determinada área arqueológica, permitindo observar elementos de mudança e de permanência. Nos estudos arqueológicos propostos atualmente e que abordam a temática da identidade, sugere-se a interação de várias identidades, como, por exemplo, sexo e idade, gênero e etnia, sexo e poder (DÍAZ-ANDREU e LUCY, 2005).

Neste trabalho, a identidade é considerada como coletiva. Pretendemos identificar marcadores de identidades (como sexo, idade, *status*) representados materialmente nas estruturas funerárias. Contudo, levamos em consideração as limitações, principalmente porque, nos estudos arqueológicos, haverá sempre uma visão construída por “outros” sobre o passado.

Destarte, alguns questionamentos nortearam a nossa pesquisa: se as identidades também podem ser representadas na cultura material, é possível verificar elementos (mesmo que

parciais) de identidades materializadas no contexto funerário pré-histórico? Quais seriam esses elementos? Que identidades podem ser verificadas nas estruturas funerárias? Que limites existem para estabelecer os traços de identidades nas estruturas funerárias?

Como hipótese, defendemos que as estruturas funerárias pré-históricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas. Estes, portanto, estariam representados, ainda que parcialmente, no conjunto dos elementos que compõem a estrutura funerária, passíveis de serem analisados de acordo com o grau de conservação dos vestígios. Estrutura funerária é aqui definida como uma organização formada por uma série de vestígios articulados entre si (PALLESTRINI e PERASSO, 1984). Entre esses vestígios estão destacados os restos humanos, a cova, os objetos e outros materiais associados.

Conforme as proposições anteriores, buscamos identificar marcadores de identidades coletivas representadas nas estruturas funerárias de sítios pré-históricos localizados na Região Nordeste: Furna do Estrago (PE), Pedra do Alexandre (RN), Toca da Baixa dos Caboclos (PI), Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI), Justino (SE) e São José II (AL) (Figura 1).

Nossos resultados indicam que, na relação entre os elementos da estrutura (corpo, objetos e sepultura) analisados em cada sítio, foram observados marcadores de identidades. Cada grupo humano elegeu componentes diferentes para representar suas identidades, ou seja, demonstrou suas próprias especificidades na representação das mesmas, inclusive no que tange a época de ocupação caracterizada por tempos distintos. Por fim, consideramos que o espaço funerário pré-histórico pode ser entendido como um local onde as identidades coletivas foram mantidas.

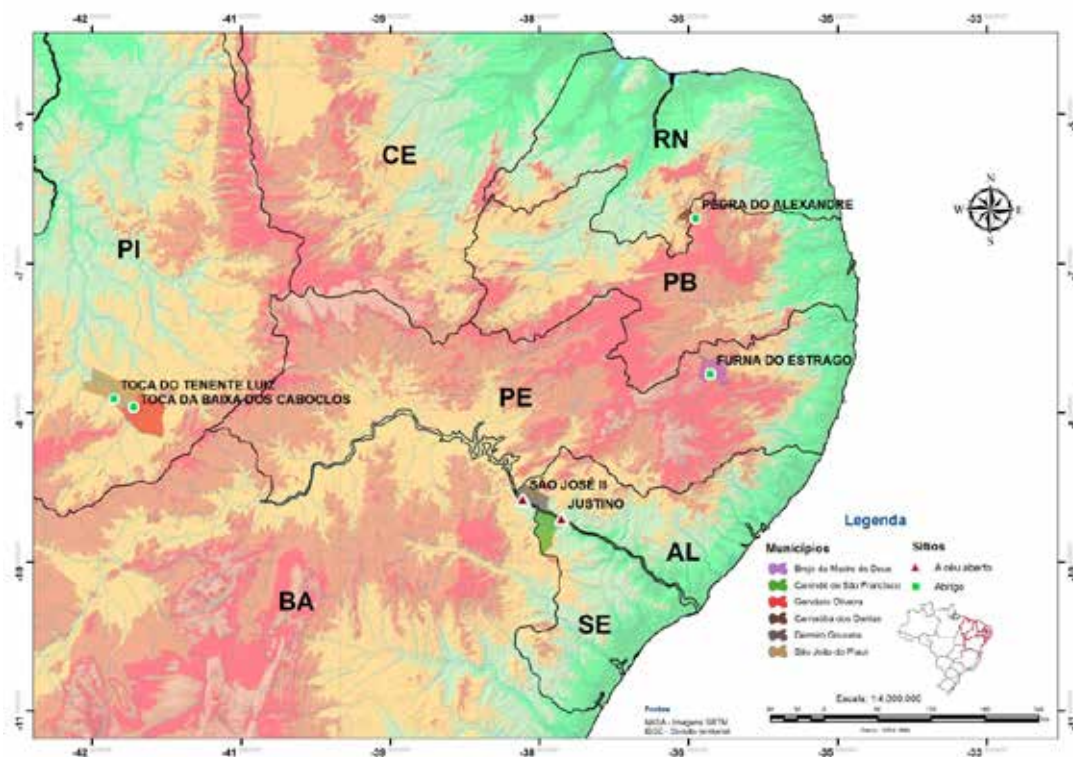


Figura 1: Mapa de localização dos sítios da pesquisa.

APORTES TEÓRICOS

A Arqueologia vem discutindo o conceito de *identidades* desde o início do século XX. Na Europa, foi inicialmente empregado na tentativa de se identificar em etnias pré-históricas, demonstrando a influência recebida da Antropologia. Os arqueólogos não percebiam os indivíduos nas culturas arqueológicas, mas interpretarem culturas como indivíduos que nasciam e se transformavam em outra cultura ou morriam (DÍAS-ANDREU e LUCY, 2005). Como consequência, muitos trabalhos relacionaram a cultura material encontrada nos sítios com determinados grupos étnicos, influenciando os estudos posteriores sobre as identidades étnicas, a ponto de gerar debates que ainda não foram esgotados.

Atualmente, as identidades são caracterizadas como fenômenos sociais e dinâmicos no tempo e no espaço e se constroem na relação entre semelhanças e diferenças. Apesar de sofrerem mudanças, existem, nas identidades, as marcas fundamentais que resguardam os elementos mais duradouros, como os ritos e os comportamentos coletivos formalizados. Assim, as identidades se manifestam materialmente. O conceito de *identidade* em Arqueologia prioriza os grupos, e não os indivíduos, o pertencimento a um grupo

(WOODWARD, 2005; VALERA, 2002; JORGE, 2002; ALARCÃO, 2002). As identidades coletivas têm uma dimensão material e são parcialmente apreendidas em contextos específicos, em que podem ser comprovadas por meio de uma representatividade material quantitativa e qualitativa. A identidade tem como suporte a memória, que é o mecanismo de retenção de conhecimento e de experiência. Por que identidade e memória? Porque são inseparáveis. São produtos de processos que ocorreram em tempos e espaços determinados. Todo passado tem memória, e toda memória possui características próprias: identidades. A memória é a condição da identidade, encontram-se entrelaçadas de modo que dão um sentido de pertença aos indivíduos e às comunidades através do tempo e do espaço. Na memória as semelhanças são mais consideradas, e isso gera para o grupo a percepção da existência de identidades através do tempo (HALBWACHS, 1990: 87). A memória é uma representação seletiva do passado, um passado que é de todos os indivíduos inseridos em seus diversos grupos de convivência.

Os lugares de memória podem ser definidos como locais onde se pode acessar uma memória reconstituída que dê sentido de identidade. Podem ser museus, arquivos, cemitérios, monumentos, santuários, entre outros. “[...] são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade” (NORA, 1993: 13). O espaço funerário cumpre também o papel de lugar de memória. Os marcadores de memória são elementos materiais (biológicos e da cultura material) que representam identidades. A forma como os sepultamentos foram organizados no espaço, os materiais e as técnicas utilizadas na preparação do corpo e da cova e os acompanhamentos presentes na sepultura são elementos que corroboram a ativação da memória dos grupos que utilizavam esses espaços para sepultar seus entes mortos.

117

METODOLOGIA

COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

Estabelecemos o levantamento das publicações sobre sítios arqueológicos com presença de vestígios funerários no Nordeste do Brasil. O levantamento arrolou práticas funerárias de ocupações de grupos caçadores e coletores e de grupos ceramistas pré-históricos. Os sítios mais antigos estão situados cronologicamente entre 10.000 e 8.000 BP e os mais recentes posicionam-se entre 4.000 BP e o período colonial. Os sítios arqueológicos da pesquisa foram escolhidos a partir dos seguintes critérios:

- Prioridade de contexto arqueológico.
- Amostragem significativa e representativa de vestígios funerários.
- Cronologia.

A documentação primária e secundária foi levantada por meio do Protocolo *de Leitura* e da *Ficha de Enterramento*. No protocolo de leitura, coletamos dados secundários para compor a parte contextual e teórica do trabalho. As fichas de enterramento serviram para a coleta de dados primários e secundários originários da documentação de campo dos sítios e foram utilizados na composição analítica do trabalho. Os trezentos e quarenta e cinco (345) indivíduos foram analisados utilizando variáveis biológicas e culturais. A descrição das variáveis fundamenta-se nas terminologias e classificações de vários especialistas, assim, utilizamos as propostas por Binford (1971), O'Shea (1984), Saxe (1970), Tainter (1978) e nas terminologias para descrição de enterramentos humanos sugeridas por Silva (2005–2006). Foram utilizadas as categorias relacionadas ao corpo, incluindo o sexo e a idade, tratamento dos ossos, posição do corpo, tipo de enterramento, elementos constituintes da sepultura, acompanhamentos funerários, uso de envoltórios e cronologia das ocupações. Em seguida, para a identificação dos marcadores de identidades, identificamos, por meio da estatística descritiva, as recorrências e as diferenças presentes nas unidades funerárias do sítio e realizamos comparações entre os elementos.

ESTATÍSTICA DESCRITIVA

118

O trabalho estatístico foi realizado utilizando o programa Minitab. As bases de dados referentes aos sítios estudados foram descritas utilizando as frequências de ocorrência (em porcentagem) de cada categoria, dentro da variável (no caso das variáveis categóricas), ou a frequência de ocorrência dos valores merísticos (para variáveis numéricas). A moda foi a medida de tendência central usada para descrever as ocorrências mais recorrentes. Para a descrição de cada variável, a unidade de análise foi o esqueleto, ou o indivíduo sepultado.

RESULTADOS

Trabalhamos com dados qualitativos ou categóricos na análise dos sítios Furna do Estrago, Alexandre, Justino, São José II, Toca da Baixa dos Caboclos e Toca do Serrote do Tenente Luiz.

O sítio Furna do Estrago é um abrigo-sob-rocha localizado no sopé da Serra da Boa Vista a uma altitude de 650 metros e próximo à sede do município do Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco. Nesse sítio foram analisados setenta e três (73) indivíduos que apresentavam dados parciais sobre as estruturas funerárias. Os enterramentos estavam concentrados e, em algumas situações, organizados em conjuntos e sobrepostos (LIMA, 2001). No sítio Furna do Estrago observamos que a posição do corpo é um marcador de identidades da idade, pois os indivíduos foram depositados em posições diferentes, na sepultura, em função de suas idades (Figura 2). Realizar o enterramento primário fazia parte do padrão funerário destes indivíduos. Todas as faixas etárias estavam enterradas.



Figura 2: Sítio Furna do Estrago. Enterramentos de adultos.
Foto: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia
da Universidade Católica de Pernambuco.

119

Os resultados indicam recorrência também na utilização dos adornos como acompanhamento funerário, tanto nas crianças como nos adultos. Os colares de osso foram os mais recorrentes em todas as idades, e envoltórios de fibras vegetais (palha e esteiras) foram associados à maioria dos enterramentos, sendo, portanto, um elemento recorrente nas estruturas funerárias desse sítio.

Esses elementos recorrentes são indicativos de semelhanças no ritual funerário. Os dados por nós analisados permitem afirmar que há mais elementos semelhantes entre as três ocupações do que diferenças. E este é um forte indicador de persistência de identidades coletivas. Esse fato também pode reforçar a hipótese de Lima (1985, 2001), de que se tratava de um mesmo grupo, com proximidade biológica, que utilizou o abrigo de forma contínua como cemitério.

O uso de envoltórios de fibras vegetais pode ser observado tanto em sítios arqueológicos como nas descrições da Etnografia e da Etno-história. Há informações sobre o uso de redes e de cordas onde os mortos eram envolvidos antes de serem colocados dentro das covas. Podemos citar Lery (1980) e Soares de Sousa (2000). No sítio Alcobaça, Oliveira (2001) identificou o uso restos de trançados de fibras vegetais nos cinco sepultamentos secundários e coletivos identificados neste sítio. Do mesmo modo, na Furna do Estrago,

a fibra vegetal foi um elemento recorrente da prática funerária e, por isso, representaria uma identidade coletiva.

O sítio *Pedra do Alexandre* está localizado no município de Carnaúba dos Dantas, no Rio Grande do Norte. É um abrigo arenítico situado no topo de uma pequena elevação, com altitude de 380 metros e próximo ao riacho de mesmo nome, afluente do Rio Seridó. Consideramos em nossas análises vinte e nove (29) indivíduos, distribuídos em vinte e quatro (24) enterramentos e que apresentavam dados parciais sobre as estruturas funerárias. Nesse sítio houve poucos elementos de recorrência. A grande distância cronológica entre os indivíduos poderia permitir observar a manutenção de alguns marcadores de identidade, porém observamos apenas duas recorrências: enterramentos de crianças e a presença de estruturas de rocha demarcando os enterramentos. Por sua vez, não há envoltórios, fragmentos cerâmicos, instrumentos de osso, instrumentos de madeira e instrumentos líticos associados aos enterramentos. Do total de vinte e quatro (24) enterramentos, em dezesseis (16) (66,6%) foram encontradas estruturas. Relacionando os enterramentos primários (Figura 3) com as estruturas da sepultura, verificamos que todos tinham estruturas de rocha demarcando as covas.

120



Figura 3: Sítio Pedra do Alexandre. Enterramento 10.
Foto: Acervo Departamento de Arqueologia – UFPE.

O longo período em que o abrigo foi utilizado sugere que o mesmo era um local especial e sagrado, como propõe Martin (2004), e de destaque cênico e panorâmico na paisagem assinalado por Mutzenberg (2007), fatos que podem ter guiado a escolha do local para a prática de rituais.

O Justino é um sítio a céu aberto, situado em um terraço fluvial na margem esquerda do Rio São Francisco, na confluência com o Riacho Curituba, município de Canindé do São Francisco, Sergipe. A base de dados analisada contém cento e oitenta e dois (182) indivíduos e cento e sessenta e sete (167) estruturas funerárias. Para esse sítio foram definidos conjuntos de ocupações para os enterramentos, em função da distribuição espacial e das datações: três (3) ocupações para grupos ceramistas (C, B e A), e uma (1), mais antiga (D), relacionada a grupos não ceramistas (VERGNE, 2005).

Nos rituais funerários realizados nesse sítio, foi possível verificar diferenças e semelhanças entre as quatro ocupações. Os resultados indicam recorrência para enterramentos simples (93,4%), apesar de existirem alguns casos de enterramentos duplos (4,2%) e triplos (2,4%). A maioria dos indivíduos era constituída de adultos, com 73% (Figura 4), e foi depositada diretamente no solo, pois não havia de forma recorrente o uso de envoltórios.

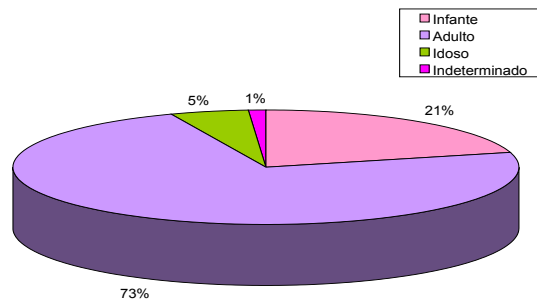


Figura 4: Distribuição das faixas etárias simplificadas nos enterramentos do sítio Justino.

Também os adornos não eram utilizados de forma recorrente; apenas em 12,1% do total dos enterramentos. O uso de adornos foi pontual e poderia estar relacionado a determinadas pessoas no grupo, não sendo, pois, um elemento de uso coletivo, mas de uso especial e individual. Tal como ocorreu com os adornos, os enterramentos secundários poderiam ser realizados apenas para alguns indivíduos do grupo. Materiais líticos foram encontrados junto a cento e quarenta e cinco (145) indivíduos (79,7% do total); e material cerâmico, em 64,8% dos enterramentos. Os resultados dos testes estatísticos demonstraram que o uso de material lítico foi recorrente nas quatro ocupações; o material cerâmico foi recorrente nas ocupações C, B e A. Na ocupação D não havia cerâmica, pois se tratava de grupos não ceramistas. No material lítico há diferenças em relação à quantidade e à diversidade de tipos entre as ocupações. A diversidade e a quantidade diminuíram da ocupação D para a A. Em resumo, os testes aplicados indicam que, ao longo do tempo, o

material lítico e cerâmico utilizado nos enterramentos foi variando em quantidade e em tipos.

O São José II é um sítio a céu aberto, situado em um terraço fluvial, em área de confluência do Rio São Francisco com o Riacho Talhado, Fazenda São José, município de Delmiro Gouveia, Alagoas. No sítio foram resgatados trinta (30) indivíduos e vinte e oito (28) enterramentos. Nesse sítio foi possível observar que o ritual funerário apresentava alguns elementos de recorrência. A ocorrência de enterramento simples, com apenas um indivíduo por cova foi constatada em vinte e sete (27) (96%) enterramentos, verificando-se apenas um caso de sepultura tripla. Nesse sítio, todas as faixas etárias estavam enterradas: adultos, adolescentes, crianças e idosos. A maioria era constituída por adultos e crianças em enterramentos primários. A posição predominante do corpo para os adultos, crianças e idosos foi o decúbito lateral, tanto direito como esquerdo, não havendo relação da lateralidade com a idade. Os resultados indicam que a recorrência, para os adultos e crianças em enterramentos primários, era o decúbito lateral. Porém, a posição procúbito ventral só foi verificada em crianças (Figura 5). As crianças estão vinculadas a enterramentos primários, mas os adultos, adolescentes e idosos estão em enterramentos primários e secundários; os dois tipos de enterramentos existem no sítio, nestas faixas etárias.

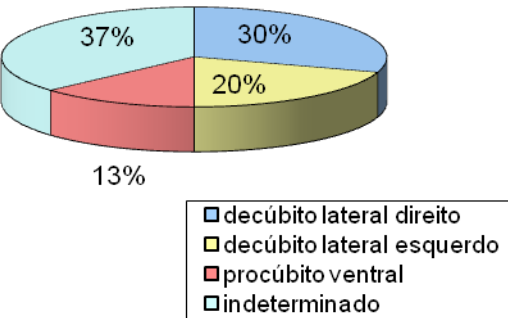


Figura 5: Posições dos corpos no sítio São José II.

Quanto à posição do corpo na sepultura, não há diferenças. Tanto os homens como as mulheres foram depositados em decúbito lateral direito ou esquerdo. A posição do corpo não foi fator de diferenciação entre as idades. No que concerne aos enterramentos secundários, foram realizados para adolescentes, adultos e idosos. Entre os homens, há mais secundários na faixa etária acima de 50 anos; as mulheres apresentavam mais

enterramentos primários, mas foi verificado um caso de secundário na faixa acima dos 40 anos e outro em idade indeterminada. Concluímos que, nesse sítio houve poucos elementos de recorrência que representassem marcadores de identidades. Analisando o tipo de enterramento e a deposição do morto em relação às idades e ao sexo, conseguimos identificar identidades baseadas na idade entre as crianças e as outras faixas etárias. Contudo, não notamos diferenciação baseada no sexo dos indivíduos, homens e mulheres apresentavam os dois tipos de sepultamento (primário e secundário) e foram depositados em decúbito lateral tanto direito como esquerdo e sem a presença de acompanhamentos funerários.

No sítio Toca da Baixa dos Caboclos, localizado na Fazenda São Francisco, município de Gervásio de Oliveira, sudeste do Estado do Piauí foram resgatados nove (9) enterramentos de subadultos e de adultos que apresentavam boa conservação dos ossos. Verificamos que havia uma padronização para os sepultamentos desses indivíduos: todos eram primários, e a deposição do corpo em urna cerâmica seria um elemento representativo da identidade coletiva do grupo (Figura 6).



Figura 6: Sítio Toca da Baixa dos Caboclos.
Detalhe do enterramento de criança – Urna 2.
Foto: Acervo Fumdhm

Eram depositados em urnas de cerâmica com decoração corrugada e com a colocação de outra vasilha alisada cobrindo a urna, com exceção de um indivíduo adulto e um subadulto (Figura 7).

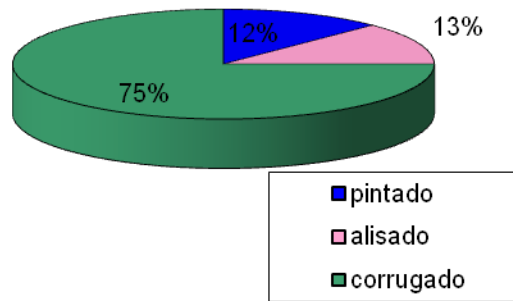


Figura 7: Tratamento de superfície das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

A variação pode representar uma diferença na ritualização, por ter sido um indivíduo adulto que ocupava uma posição diferente dentro do grupo, de prestígio ou não; relacionado à idade ou sexo. O mesmo pode ser deduzido do subadulto depositado em uma vasilha com características técnicas distintas das demais: paredes finas muito polidas e com decoração pintada. As datações dos enterramentos da urna 1 (310 ± 50 BP - pele) e urna 9 (230 ± 50 BP – pele) situam a ocupação desse abrigo como cemitério, durante o período colonial. Os elementos recorrentes são indicativos de semelhanças nos elementos do ritual funerário, e as datações sugerem a presença de um mesmo grupo utilizando o abrigo.

A Toca do Serrote do Tenente Luiz é um abrigo-sob-rocha localizado no município de São João do Piauí, sudeste do Estado do Piauí. Nesse sítio foram identificados vinte e quatro (24) enterramentos em urnas e em fossas funerárias, diretamente no solo. Há predominância dos enterramentos primários, tanto nos realizados em urnas como nos diretamente no solo. Nesse sítio, foi possível observar que o ritual funerário apresentava elementos de recorrência, o que indica a existência de dois padrões para os enterramentos. Há uma distinção significativa entre os realizados em urnas e os diretos no solo. Propomos, como hipótese, que essa variação pode significar a presença de, pelo menos, dois grupos com práticas funerárias distintas que utilizaram o abrigo como cemitério. As datações obtidas para esse sítio situam dois enterramentos (um em urna e outro no solo), em dois períodos distintos: 920 ± 35 BP (Ua – 23386) e 935 ± 40 BP (Ua – 22776) para os primeiros sepultamentos do sítio, e a outra datação de 365 ± 40 BP (Ua – 22074) foi realizada em enterramento em urna e situa a ocupação ceramista durante o período colonial. Os indivíduos do grupo ceramista eram depositados, provavelmente sentados, em cerâmicas com decoração corruada (Figura 8) e com outra vasilha cobrindo a urna.

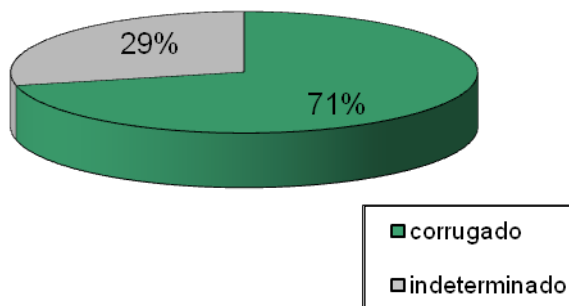


Figura 8: Tratamento de superfície das urnas funerárias do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

Por sua vez, nos enterramentos do conjunto enterrado diretamente no solo há recorrência para os do tipo primário e simples, com apenas um enterramento duplo. Nesse conjunto, não observamos a existência de enterramentos secundários. Portanto, concluímos que, no sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz, também ocorreram rituais funerários utilizando urnas cerâmicas, distinguindo-os significativamente dos sepultamentos realizados diretamente no solo, indicando dois padrões funerários: um realizado por grupos ceramistas e outro por grupos que não dominavam a tecnologia cerâmica.

125

Concluímos que o espaço funerário dos sítios supracitados pode ser compreendido como lugar de memória, pois foi palco de ritos e guarda vestígios de uma memória que está hoje inacessível, mas são espaços onde as identidades podem ser parcialmente apreendidas, conforme a conservação dos vestígios funerários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como propósito verificar se o contexto funerário pré-histórico é portador de identidades que estão representadas na materialidade das estruturas funerárias. Buscamos desta maneira, revelar a presença, mesmo que parcial, de marcadores das identidades coletivas. Através da realização do ritual funerário, o grupo transmite uma parte de sua memória grupal, coletiva, manifesta no sepultamento. A partir das recorrências, sugerimos a presença de marcadores de identidades representados por certos objetos presentes nas sepulturas, por envoltórios, pela idade dos indivíduos e pelo tipo de sepultamento.

Percebemos que as identidades se apresentaram de diferentes maneiras em cada sítio. Na relação entre os elementos da estrutura (corpo, acompanhamentos e sepultura), cada sítio apresentou marcadores de identidades distintos. Cada grupo humano elegeu componentes distintos para representar suas identidades. As identidades, mesmo sendo

indicadores do coletivo não se apresentam do mesmo modo, ou seja, cada sítio apresenta suas próprias especificidades na representação de suas identidades, inclusive no que tange a época de ocupação caracterizada por tempos distintos.

O manuseio dos dados funerários fez surgir novos encaminhamentos a serem incorporados aos estudos das identidades: aprofundar os estudos das “identidades das idades” principalmente focadas no papel das crianças e dos idosos, assim como as “identidades de gênero”; realizar novas datações de C14 e testes de DNA em indivíduos de um mesmo sítio ou conjunto de indivíduos de uma mesma área do sítio que apresentam semelhanças na ritualização funerária.

Encontramos limites interpretativos principalmente pela má conservação dos vestígios, falta de uniformização de dados e pelo não registro de todas as informações referentes às sepulturas. De acordo com Moinat (1988), as limitações se concentram em três domínios: a cronologia, a documentação e a descrição antropológica. A maioria dos esqueletos não está datada. É necessária a realização de datações nos esqueletos.

126

Faz-se necessária a confecção de protocolos únicos com maior número de dados possíveis, que devem ser criados pelo conjunto de pesquisadores que trabalham no Nordeste, gerando informações mais confiáveis do contexto funerário. Porque a estrutura funerária é um desses espaços privilegiados que preservam a memória social do morto, como também sua representação, mais especificamente a representação coletiva.

Por fim, consideramos que o espaço funerário pré-histórico pode ser entendido como um local onde as identidades coletivas foram mantidas.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. 2002. In: JORGE, V. O. *et. al.* (Coords.). *Identidade, identidades*. Porto: Adicap.

BINFORD, L. 1971. “Mortuary practices: their study and their potential”. In: BROWN, J. A. (Ed.). *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. Memoirs of the American Archaeology Society, n.25, Issue as American Antiquity.

DÍAZ-ANDREU, M.; LUCY, S. 2005. “Introduction”. In: DÍAZ-ANDREU, M. *et. al.* *The Archaeology of identity*. New York: Routledge, 1–12.

HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice.

JORGE, S. O. 2002. In: JORGE, V. O. et. al. (Coord.) *Identidade, identidades*. Porto: Adecap.

LÉRY, J. 1980. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, (Reconquista do Brasil, 10).

LIMA, J. M. D. 2001. *El sitio arqueológico Furna do Estrago – Brasil: Em uma perspectiva antropológica y social*. Tesis (Doctorado en Antropología) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, Mexico.

_____. 1985. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus - Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MARTIN, G. 2005. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 4. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE.

_____. 2004. “O rito e a vida espiritual”. In: *Antes - Histórias da Pré-História*. 176–185.

MOINAT, P. 1988. “Le Néolithique ancien et moyen: sepultures et gravures rupestres”. In: *COURS D’INITIATION À LA PRÉ-HISTOIRE ET À L’ARCHÉOLOGIE DE LA SUISSE*, 5., 1988, Sion. Résumé... Sion: Société Suisse de Préhistoire et d’Archéologie, 27–36.

MUTZENBERG, D. S. 2007. *Gênese e ocupação pré-histórica do sítio arqueológico Pedra do Alexandre: uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do Vale do rio Carnaúba – RN*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

NORA, P. 1993. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*, São Paulo, (10), 7–28.

OLIVEIRA, A. L. N. 2001. *O sítio arqueológico Alcobaça: Buíque, Pernambuco. Estudo das estruturas arqueológicas*. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

O’SHEA, J. M. 1984. *Mortuary Variability: An Archaeological Investigation*. Academic Press: Orlando.

PALLESTRINI, L.; PERASSO, J. A. 1984. *Arqueologia: método y técnicas em superfícies amplias*. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos, Universidad Católica, (Biblioteca Paraguaya de Antropologia, 4)

SAXE, Arthur. 1970. *Social dimensions of mortuary practices*. Tese de doutorado, apresentada a University of Michigan: Ann Arbor.

SILVA, S. F. S. M. 2005–2006. “Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões”. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 113-138.

SOUSA, G. S. 2000. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 9 ed. Recife: Massangana (Série Descobrimentos, 13).

TAINTER, J. A. 1978. "Mortuary practices and their study of prehistoric society". In: SCHIFFER, M. B. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 1.

VALERA, A. C. 2002. In: JORGE, Vítor O. *et. al.* (Coord.) *Identidade, identidades*. Porto: Adicap.

VERGNE, C. 2005. *Cemitérios do Justino - Estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe*. Sergipe: Museu de Arqueologia de Xingó.

WOODWARD, K. 2005. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 7-72.